

A eleição do dia 15

JORNAL DE BRASÍLIA

Presidência
Victor Faccioni

11 NOV 1989

Depois de 29 anos, o povo brasileiro vai às urnas para escolher, pelo voto direto, o presidente da República.

Tenho me absterido de usar espaços para apreciações de ordem aleitoral, até para não perder a autoridade crítica, indispensável tempero para um comentário de imprensa. Tal preocupação não me impede fazer aqui algumas considerações em torno do problema, às vésperas da sucessão.

Democracia, Nova República, Plano Cruzado, Constituinte, extinção do BNH, eleição dos governadores, senadores, deputados, Plano Bresser, Plano Verão, presidencialismo, cinco anos para Sarney, eleição de prefeitos e vereadores, superinflação, prenúncios de hiperinflação, eis algumas questões fortes dos últimos anos dos brasileiros. A maior parte delas, na verdade se constituíram em fortes decepções, frustrações perigosas, que fizeram muitos tornarem-se descrentes da nossa vida pública, dos nossos políticos — e até da democracia.

Quando ouço e vejo, nos programas de rádio e TV, os candidatos e suas mensagens, grande parte sem conteúdo, ou as agressões recíprocas, com promessas demagógicas, irresponsáveis porque inviáveis no atual quadro da vida socioeconômica nacional, fico imaginando a que nos levará uma possível nova frustração que os brasileiros

poderão sofrer na eleição deste quize de novembro. Aí me pergunto o que acontecerá depois.

No sistema parlamentarista pode-se trocar o Governo, pode-se dissolver a Câmara dos Deputados e convocar novas eleições para esta, e aí reconstituir o Governo, quantas vezes o Governo ou os deputados se mostrarão incapazes de cumprir com as promessas eleitorais. Mas, lamentavelmente, tal possibilidade inexistente no sistema presidencialista, que os constituintes teimaram em perpetuar, e com um agravante, estabelecendo a possibilidade do confronto entre o Governo e o Parlamento.

A dispersão e descaracterização partidária, a irresponsabilidade do Governo, do Parlamento e dos candidatos quanto à impunidade no combate aos desmandos e à corrupção e todos os riscos que o Brasil vive nesta campanha são próprios do sistema presidencialista de Governo. A TV mostra candidatos aventureiros e irresponsáveis, pouco ou poucos se destacando nas virtudes, mais se assemelhando nos defeitos e acusações. Até eu mesmo critiquei o candidato do meu partido para depois vermos os defeitos que nele apontavam agora aparecerem claros nos demais. Por isto tudo ainda resolvi ficar no partido e acompanhar o candidato. Em todos os demais, acentua-se a inexperiência e repetem-se os problemas, as de-

núncias, no mínimo as dúvidas e tudo o mais.

O PSDB e o PT usaram a lei eleitoral atual para trocar seus candidatos a vice, os senadores Almir Gabriel e José Bisol. Depois, numa verdadeira hipocrisia, criticaram a mesma lei quando Silvío Santos a ela recorreu. É mais um paradoxo do presidencialismo, um sistema feito contra a oposição pelo Governo, e contra o Governo pela oposição, quando deveria sê-lo em benefício do povo.

Desta forma tudo indica dificuldades extremas na escolha ou para o escolhido. Enquanto isto, o custo de vida se agrava. A falta de perspectivas, de horizontes para a juventude e para todos, pode levar o povo ao voto do desespero, da desesperança, o voto apenas de protesto, como aconteceu em muitos municípios do Brasil nas últimas eleições municipais, e aí o risco de um governo populista, ou a ideologização extremada aqui, quando na Rússia, Polônia, Hungria, Alemanha Oriental e tantos outros países socialistas já voltam atrás nos erros que aqui o Brasil corre o risco de repetir.

Oxalá eu esteja enganado, e apesar dos pesares, chegaremos ao melhor, nos livremos da hiperinflação, e o novo Presidente possa comandar um novo Brasil.

□ Victor Faccioni é deputado federal pelo PDS do Rio Grande do Sul.